

CONCEIÇÃO EVARISTO: PÓS-COLONIALIDADE, VIDA URBANA E EXCLUSÃO SOCIAL

Márcia Maria Oliveira Silva³⁰

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), da autora afro-brasileira Conceição Evaristo, buscando compreender o processo de desenvolvimento da identidade da protagonista a partir de sua mudança para a cidade grande. Procuramos revelar que o entendimento da vida urbana pelos olhos de Ponciá passa pela reflexão sobre a condição social e cultural da personagem e dos que estão ao seu redor, envolvendo também questões relacionadas à memória.

Palavras-chave: Cidade. Identidade. Memória.

Abstract

This study aims to analyze the novel *Ponciá Vicêncio* (2003), written by the afrobrazilian author Conceição Evaristo, seeking to understand the process of identity development of the protagonist from his move to the big city. We seek to prove that the understanding of urban life through the eyes of Poncia passes through reflection on the social and cultural condition of the character and those who are around her, this reflection involves issues related to memory.

Keywords: City. Identity. Memory.

INTRODUÇÃO

A escrita literária feminina passou muito tempo sem obter destaque, nem pelo público leitor nem pelos estudiosos da área. Aqui no Brasil, assim como em muitos lugares, esse fato se deve pelo ‘esquecimento’ de que os textos literários de autoria feminina sempre carregaram, e não por causa da quantidade de mulheres letradas no país. Bonnici alerta que é “importante notar que a maneira pela qual as mulheres são forçadas a assumir papéis fixos e predeterminados como personagens de ficção ajuda os leitores a analisarem o quanto esses estereótipos limitam as mulheres na vida real.” (2007, p. 79). Vivemos nesse início de século o reconhecimento da necessidade de um resgate da obra de diversas autoras que podem desconstruir muitos dos estereótipos desenvolvidos ao longo de séculos de escrita masculinizada; nesse cenário, a obra da escritora brasileira Conceição Evaristo aparece como potencial de análise que engloba inúmeros aspectos, desde as questões relacionadas ao estilo da escritora como também em relação à maneira como a narrativa exemplifica a realidade social do país em

³⁰ Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

contextos e situações específicos, com personagens detentoras de trajetórias bem específicas até então esquecidas pela História³¹.

A literatura pós-colonial tem demonstrado a importante contribuição de povos que viveram a experiência da colonização e que passaram a lutar contra a subalternidade desse sistema. Segundo Spivak (2010), a mulher é duplamente subalterna, porque é duplamente marginalizada. No Brasil algumas escritoras têm quebrado o silêncio e têm tomado para si mesmas o direito à fala; entre elas destacamos Conceição Evaristo. Elogiada por sua produção diversificada, que vai de poemas, contos e romances, Evaristo apresenta personagens excluídos socialmente (favelados, prostitutas, mendigos), dando-lhes espaço e afastando-os dos estereótipos socialmente construídos e aceitos muitas vezes como naturais. A importância em lutar contra o mutismo tem a ver com a função do silêncio para a manutenção da opressão, afinal “o silêncio se constitui na mais poderosa e eficiente forma de opressão, porque a linguagem lhe permitiria o acesso à revolta e à libertação” (FIGUEIREDO, 2013, p. 87);

é pela força na linguagem que os textos de Conceição Evaristo pautam-se e revelam o desejo da escritora brasileira em refletir a realidade vivenciada por ela e sua família.

Este trabalho surge com o objetivo principal de analisar o romance *Ponciá Vivência* (2003), buscando compreender a maneira como a protagonista Ponciá desenvolve sua identidade a partir do processo de migração. A mudança para a cidade grande gera grandes expectativas, mas também causa grandes decepções. Dessa forma, a vida urbana relatada no romance trata principalmente de exclusão social e de uma busca por autoconhecimento que se faz presente através da evocação do passado pela memória, bem como de um desejo intrínseco em ‘voltar para casa’ e ‘resgatar as origens’ (traduzido na saudade que Ponciá sentia em mexer com o barro). A trajetória de Ponciá fundamenta-se principalmente pela condição diáspórica que ela experimenta (mudança do espaço rural para o urbano). Utilizando como arcabouço teórico autores como Stuart Hall, Gayatri Spivak, Roland Walter, Aleida Assmann, Eurídice Figueiredo, entre outros, procuramos entender a visão que a protagonista Ponciá desenvolve em relação à cidade e como a vivência em um ambiente urbano marginalizado (favela) e em um relacionamento fadado ao fracasso (graças a um marido violento) vai confirmar uma vida difícil de sonhos apagados pela discriminação e pela

³¹ A História Oficial sempre silencia diversas outras histórias, silenciando também aqueles sujeitos marginalizados. A partir da perspectiva de a história ser escrita pelos vencedores é que Spivak (2010) fala sobre a necessidade de o subalterno tomar para si a fala, fazendo-se ouvir e inserindo-se de forma atuante no meio social.

marginalização da personagem. O entendimento da vida urbana pelos olhos de Ponciá passa, necessariamente, pela reflexão sobre a condição social e cultural da personagem e envolve ainda questões relacionadas à memória e identidade.

“Quijano insiste no fato de que, na América Latina, o ‘período colonial’ não deveria ser confundido com ‘colonialidade’, e de que a construção de nações que a seguiu no decorrer do século 19 (...) não pode ser compreendida sem se pensar na colonialidade do poder” (MIGNOLO, 2003, p. 83-84); essa colonialidade refere-se à continuidade das formas de poder mesmo depois do período de colonização e indica que existe uma estrutura muito mais forte de hierarquização que se perpetua na mente dos indivíduos. O romance *Ponciá Vicêncio* torna possível compreender como as marcas do colonialismo se perpetuam nas relações humanas entre diversas camadas da população brasileira, bem como as nuances sobre a opressão feminina nos âmbitos pessoal (família e casamento) e social (trabalho). A fronteirização diáspórica também é abordada com grande sensibilidade e revela-se não apenas pelo processo de deslocamento físico e geográfico, mas também por uma espécie de deslocamento psicológico que é responsável pelo estabelecimento de um entre-lugar, pautado por conflito constante e um sentimento de perda identitária.

PONCIÁ VICÊNCIO E A RELEITURA DE UM PASSADO ESCRAVOCRATA: A REALIDADE SOCIAL E AS DIVERSAS INSTÂNCIAS DA VIOLÊNCIA EPISTÊMICA

O romance *Ponciá Vicêncio* foi o primeiro romance de Conceição Evaristo a ser lançado (2003) e apresenta uma narrativa em 3ª pessoa, transparecendo o desejo de dar voz a uma personagem marginalizada, utilizando para isso sua história de vida e sua arte. Através do imbricamento entre passado e presente, é possível compreender a trajetória de Ponciá, suas escolhas e suas decepções. Segundo Araújo, “*Ponciá Vicêncio* consolida a voz das escritoras afro-brasileiras na tradição literária do país, materializando também uma narrativa marcada por um sujeito étnico e feminino que retoma a história, através da memória e do testemunho, e se torna perene na ficção brasileira” (2007, p. 42). Através desse romance, Evaristo vai contra o que Spivak (2010) chamou de subalternidade feminina, que nada mais é do que uma dupla subalternidade (por ser colonizada e por ser mulher), e luta para demonstrar que Ponciá possui força; é a força que vem da arte do barro e tudo o que ela representa no que diz

respeito às origens da protagonista e em sua relação com a terra (no sentido real e no sentido metafórico do termo).

Uma das questões que chama nossa atenção no romance é a maneira como as raízes escravocratas são abordadas, demonstrando claramente a força de um passado opressor que é encoberto por uma falsa liberdade³². Sobre a questão da escravidão, Bosi afirma que:

a alternativa para o escravo não era, em princípio, a passagem para um regime assalariado, mas a fuga para os quilombos. Lei, trabalho e opressão são correlatos sob o escravismo colonial (...). De qualquer modo, ser negro livre era sempre sinônimo de dependência (1999, p. 24).

O mesmo cenário de opressão continua se fazendo presente, embora esteja disfarçado. A escravidão – assim como a própria colonização – não acabou por completo, resquícios dão conta de eternizar a condição inferiorizante/inferiorizadora do povo negro no Brasil. Para Homi Bhabha (1998), o discurso colonial visa justificar sua conquista e estabelecer sistemas de administração a fim de legitimar a dominação de povos julgados inferiores ou selvagens. A escravidão faz parte deste sistema e deste discurso.

Pensando na narrativa, por exemplo, podemos considerar que o Vô Vicêncio é uma figura-símbolo desse sujeito colonial: tão desenganado por sua condição, mata a mulher e tenta matar a si mesmo porque não vê alternativa para fugir da vida de escravo. Ele é impedido de matar-se e tem que conviver pelo resto da vida com a dor e a vergonha, representadas pela mão decepada que ele tanto tenta esconder. Seu próprio filho nutre um sentimento de ódio pela morte da mãe, e, mesmo entendendo que o pai não estava em seu juízo perfeito, pergunta-lhe várias vezes sobre o que aconteceu, ferindo ainda mais o velho já tão sofrido.

A personagem Ponciá tem ciência de que o passado escravocrata que ela e toda sua família carrega é muito forte, ela sabe que esse passado continua presente nas

³² Vale lembrar que, apesar da Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, abolir a escravidão do Brasil (depois de uma série de leis, entre elas a Lei do Ventre Livre e a Lei dos Sexagenários), a liberdade jurídica não modificou por completo a realidade dos negros no Brasil. A maioria deles não tinha moradia nem contava com condições econômicas ou nenhum tipo de assistência social do Estado. A escravidão acabara, mas não lhes era dado o direito de possuir um trabalho, e o preconceito e a discriminação racial continuavam imperando nas relações entre negros e brancos. Depois de décadas, a situação para muitos negros descendentes de escravos não é diferente, e *Ponciá Vivêncio* demonstra isso claramente, em especial no ambiente da fazenda.

relações diárias, principalmente no trabalho. A família de Ponciá permanecia como propriedade de seu patrão:

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo antes do avô de seu avô (...). O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e do homem. (EVARISTO, 2003, p. 29)

O fato de todas as pessoas da fazenda terem o sobrenome do coronel comprova como aquelas pessoas eram tratadas como propriedades dele. Ainda que a escravidão já não mais existisse oficialmente, todos eles continuavam sendo tratados como tal. Se “poder não é simples consequência de uma subordinação imposta, consentida ou negociada, e sim o resultado de fluxos de potências diferentes atuantes nos mecanismos sociais” (SODRE, 2000, p. 60), a família de Ponciá, assim como tantos outros indivíduos e famílias, vivia a partir das múltiplas formas de subordinação que o poder estabelece no inconsciente das pessoas. O próprio pai de Ponciá, que já nascera como negro livre, é tratado pelo filho do coronel como uma marionete, um brinquedo para satisfazer suas vontades e curiosidades (tendo inclusive de beber a urina do sinhozinho numa brincadeira), por mais que ele sofra com isso ele continua naquela vida porque parece que não há nada além disso.

No trecho “O pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. Sabia de cor e salteado. Em qualquer lugar que visse as letras, as reconhecia. Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. Aprendera ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço” (idem, p. 17), percebemos que, para o sinhô-moço, não era adequado que o menino aprendesse a ler e escrever, isso seria uma perda de tempo porque não era para isso que ele servia. Aqui existe a comprovação de que há uma necessidade de perpetuar o contexto que separa os seres ‘superiores’ dos ‘inferiores’. Se, como afirma Roland Walter, “o processo da colonização e dominação leva à fragmentação e alienação das pessoas” (2010, p. 6) podemos dizer que o processo de escravidão, sendo um desmembramento da colonização, funciona como um sistema ainda maior e mais ostensivo de fragmentação e alienação; prova disso é que os trabalhadores da fazenda continuam vivendo o ciclo escravocrata.

Para Sodre, “No Brasil, tem permanecido intacta, em suas linhas gerais, a organização social da cultura oriunda do sistema discriminatório da sociedade

escravagista do passado” (2000, p. 86), há, portanto, uma necessidade em desvencilhamento desse sistema. Quando Ponciá resolve, de uma hora para outra, mudar de cidade/realidade, ela busca romper com esse sistema escravagista; apesar de sua decisão não ser compreendida por todos ela sabe que necessita fazer algo para modificar sua história. O ato de mudar-se traduz o desejo da protagonista em não mais repetir a história de tantas gerações de escravos livres.

A mudança de Ponciá para a cidade grande revela uma busca por ruptura e libertação. Entretanto, com o passar do tempo, a protagonista perceberá que a realidade social está permeada pela violência em todas as instâncias, em todos os contextos:

Mulheres subalternizadas, discriminadas em razão da etnia, da classe social, do gênero, elas sofrem todo tipo de desprezo da sociedade, mas resistem (...). Forçadas a viver numa sociedade que as ignora ou descarta, elas não conseguem se inserir de maneira adequada, tornam-se migrantes, tentando sobreviver, em condições miseráveis, nos guetos urbanos (FIGUEIREDO, 2013, p. 157-158)

É interessante notar que a violência sofrida pela protagonista aparecerá em muitas situações, desde a experiência relacionada à vida na favela como também na própria relação entre os gêneros (na relação marido e mulher). Ponciá demonstra-se ciente que a realidade em que ela vive é degradante: “Ponciá Vicêncio deitou-se na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto vida, meu Deus?” (EVARISTO, 2003, p. 33). É por essa razão, pela compreensão de sua realidade, que Ponciá passa a viver numa espécie de limbo emocional, não se interessa por nada, não reage a nada – nem mesmo às surras do marido. O único momento em que uma faísca de vida surge na personagem é quando ela lembra do barro³³.

Para Figueiredo, “como outras escritoras negras, Conceição sublinha, através da intriga, que seus personagens são pobres e negros. O ser negro faz diferença na pobreza porque a vincula a uma História: a escravidão, a marginalização, o racismo” (2013, p. 162); nesse quadro histórico, independentemente de onde se vá, os problemas sociais permanecem, em maior ou menor grau. Luandi, irmão de Ponciá, também resolve abandonar o campo e ‘tentar a vida na cidade grande’, atitude explicada pela

³³ Falaremos adiante da importância da memória para a constituição da narrativa. Em *Ponciá Vicêncio*, a memória é tratada como resgate, salvação.

ideia do rapaz de obter oportunidades para melhorar de vida: “Luandi pensou na figura de Vô Vicêncio, mas, aliviado estava, pois acreditava que o tempo da escravidão já tinha passado. Existia sofrimento só na roça. Na cidade todos eram iguais.”

(EVARISTO, 2003, p. 73). Luandi sai de casa em busca de notícias da irmã, mas vai com a certeza de que poderá transformar sua vida, apesar de, em um primeiro momento, se perguntar “Para que eu vim para a cidade?”, ao que ele mesmo responde “Achar minha irmã, juntar dinheiro e ficar rico. É, ele havia de ficar rico. Diziam que na cidade as pessoas trabalham muito, mas ficam ricas. E de trabalho Luandi não tinha medo”

(idem, p. 69). Quando ele desce na estação do trem e vê um soldado negro, confirma para si a ideia de que seria possível para ele, também negro, ocupar um posto de respeito na sociedade.

Este pensamento reflete a mesma visão ingênua de Ponciá, pois ela também acreditava que sabendo ler e escrever, sendo trabalhadora e esforçada, seria capaz de construir uma vida completamente diferente para ela própria e para toda sua família. A ideia de que a vida na cidade é muita dura, mas que oferece mais oportunidades faz com que milhares de pessoas mudem de um local para outro, seja dentro de um mesmo país, como o Brasil, seja de um país para outro. A diferença entre Ponciá e Luandi é que o irmão terá mais ‘sorte’ que a irmã, pois apesar de sofrer muito com a morte da amada (uma prostituta que fora assassinada pelo cafetão) e mesmo sentindo saudades da mãe e da irmã Luandi, encontra seu espaço; ele percorre a direção que escolhera e, graças ao soldado Nestor, tem um lugar na delegacia. Nos desencantos e desencontros da vida urbana, Ponciá perde-se completamente num lugar que oferece, ao mesmo tempo, ilusões e restrições, esperanças e sofrimentos.

O MOVIMENTO DIASPÓRICO: DESLOCAMENTO, ADAPTAÇÃO E IDENTIDADE

Se entendermos a identidade enquanto fruto de negociação constante (POLLAK, 1992), perceberemos o quanto fatores como o lugar de origem e as relações sociais (principalmente a relação familiar) têm uma contribuição enorme para o desenvolvimento da identidade do indivíduo. A vida de Ponciá sofre uma reviravolta quando ela decide ir para a cidade grande. Na medida em que a narrativa progride, vemos a real face do movimento diaspórico: “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um

grande vazio.” (EVARISTO, 2003, p. 26). A identidade da personagem se desenvolve a partir do movimento diaspórico e já que as identidades diaspóricas não são fixas nem homogêneas, mas revelam-se em constante mudança e fluidez (HUA, 2005), o fato de Ponciá passar por todos os sofrimentos sozinha faz com que ela perca suas forças e esperanças, ela não estava preparada para as experiências conflitivas que passaram a fazer parte de sua vivência na cidade. O que era expectativa por uma vida melhor transforma-se em pesadelo e sofrimento, o desejo de afastar-se daquela violência epistêmica nas relações sociais vivenciadas na fazenda do ‘sinhôzinho’ dá lugar a um vazio que toma conta do próprio ser-Ponciá.

O movimento diaspórico revela-se como uma nova forma de deslocamento bastante comum na contemporaneidade e com características bem próprias, no entanto ele exige do sujeito uma adaptação à nova realidade que se mostra lenta e dolorosa. Se “a diáspora é um espaço em que se cria novas etnicidades” (HALL, 1996, p. 72) e as identidades de diáspora são formadas por transformações e diferença, estando sempre (re)produzindo-se novas (HALL, 2003), é verdadeiro afirmar que a protagonista do romance analisado necessita adotar uma nova postura frente às dificuldades enfrentadas por ela em sua nova vida. Aparentemente é o passado que não permite que Ponciá se entregue à loucura de uma vez por todas; no fim das contas ela compreende que “A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia.” (EVARISTO, 2003, p. 83). A essência da diáspora não deixa de ser, de certa forma, uma ilusão de uma vida melhor. Segundo Walter:

A marca do senhor, portanto, apaga as raízes familiares e étnicas de Ponciá, transformando sua existência numa não-existência dentro de um processo histórico de subalternização que continua escrevendo novos capítulos sem fim. O romance, portanto, denuncia uma sistema altamente discriminador que faz dos negros ‘donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida’ (2009, p. 78)

A ‘marca do senhor’ não só diz respeito à figura do senhor da fazenda, tão conhecida por Ponciá e, antes, por seu pai e seu avô, esta marca também está presente nas experiências na cidade. Seja na convivência de Ponciá com as patroas, seja na relação com o marido, essa marca de colonialidade queima a personagem. E não é à toa que o único lugar onde é possível ter uma moradia – um pequeno barraco – seja a

favela³⁴; nesse sistema discriminador de negros, a favela é o espaço natural daqueles a quem só se destina a exploração e a miséria.

Nessa nova-velha realidade de exclusão, Ponciá perde as esperanças de um futuro melhor, tendo em vista que esse futuro não depende dela, mas do sistema excludente do qual ela participa. Aqui se faz presente o passado como forma de resgate de uma alegria perdida:

Nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de casa de pau-a-pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz. A mãe nunca reclamava da ausência do homem. (...) Ponciá Vicêncio sorria. O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! (EVARISTO, 2003, p. 27)

A experiência da personagem difere completamente de suas lembranças familiares e de tudo que ela sonhou para si: um marido trabalhador que fizesse sua vontade, filhos que a rodeassem e de quem ela pudesse cuidar, mas nada disso acontece. Depois de uma série de abortos espontâneos e de várias surras do companheiro, Ponciá acredita que não nasceu para ser feliz; indagações acerca de sua escolha começam a enfraquecer a figura forte da menina da roça, que começa a questionar a si mesma e sua visão da vida: “Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado (...). O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz” (idem, p. 37). Essa fala anterior à viagem que mudaria sua vida por completo demonstra que o desejo por melhores condições de vida leva o indivíduo a se sujeitar a inúmeras situações dolorosas (afastamento dos familiares, por exemplo) e que, na maioria das vezes, o cenário que se desenvolve nessa nova realidade não é positivo, é esquizofrênico.

Todos os trechos citados mostram contundentemente que vida urbana e exclusão social convivem lado a lado. Ao falar sobre o romance aqui analisado, Eurídice Figueiredo afirma que Ponciá “é uma personagem sofrida, que deixa o campo para ir para a cidade em busca de uma vida melhor, o que não encontra”, mesmo apanhando do marido e perdendo todos os filhos durante a gestação ela “nutre a

³⁴ Conceição Evaristo parece deixar claro que em suas narrativas o cenário ‘favela’ indica uma remodelagem moderna para o termo ‘senzala’. Além de *Ponciá Vicêncio*, o romance *Becos da Memória* (2006) também faz esta comparação.

esperança secreta de reencontrar os seus familiares” (2013, p. 160) e é isso que a permite continuar vivendo. Ponciá reflete sobre sua situação várias vezes:

ali, deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2003, p. 33-34)

A fragmentação identitária pela qual Ponciá passa se situa na problemática do lugar fruto do deslocamento geográfico e do desligamento das relações familiares. Aqui, mais uma vez, o lugar de origem começa a ser visto de outro ponto de vista. Nessa realidade em que os sonhos não mais cabem, só resta à Ponciá recordar, ressignificar sua vida a partir de seu passado.

A MEMÓRIA E O RESGATE DE SI MESMO

Roland Walter (2010) afirma que a evocação do passado pela memória é uma das características da literatura pós-colonial, e essa evocação busca reconstruir a história e não recontá-la. Na narrativa de *Ponciá Vicêncio*, a memória cumpre um papel importante, uma função ‘salvadora’, porque a protagonista só consegue amenizar seu sofrimento quando utiliza suas lembranças de menina. É nelas e através delas que Ponciá é capaz de fugir de sua realidade atual:

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre seu rosto; outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios surgiam sorrisos e risos. (EVARISTO, 2003, p. 91-92).

Ao chegar ao seu destino, Ponciá chega cheia de expectativas, acreditando que ela é capaz de vencer na cidade grande, que será capaz de adquirir uma casa para trazer a mãe e o irmão, que ficaram na roça: “Aos poucos, Ponciá foi-se adaptando ao trabalho. Mesmo na casa da prima da moça que ela havia encontrado na igreja. Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa grande”. Nos primeiros momentos “a vida lhe parecia possível e fácil” (idem, p. 43), mas, com o passar do tempo, todos os

sonhos da personagem são destruídos por uma realidade de opressão e marginalização, em especial sobre a figura da mulher negra e seu lugar na sociedade.

Partindo do pressuposto que a formulação da memória leva à formulação da identidade (ASSMANN, 2011), percebemos o quanto a memória, tanto no nível coletivo como no nível individual desenvolve uma proliferação de discursos que aproximam o sujeito de suas raízes; nesse caso, precisa existir um sentimento de pertencimento indispensável para uma identidade que, mesmo plural e não-fixa, não seja esquizofrênica. No ato de Ponciá de lembrar-se de sua vida antes da cidade, há o entendimento de que “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, fazer alguma coisa” (RICOUER, 2007, p. 71). Esse ‘fazer alguma coisa’ mantém a personagem salva da loucura, as lembranças aqui funcionam como uma forma de gatilho (ASSMANN, 2011) que traz Ponciá de volta à vida.

Num determinado momento da narrativa, mesmo sabendo que não pode retornar à fazenda sem conquistar seus objetivos, ‘sem vencer na vida’, Ponciá resolve visitar os familiares, com o objetivo de fortalecer-se novamente. Depois de anos de muito trabalho, ela tira uns dias de folga e vai encontrar suas raízes; ao chegar à antiga casa, não encontra ninguém. A sensação da personagem ao encontrar a casa vazia, com apenas alguns pertences deixados para trás, é de um desconsolo enorme: “ela não podia ficar ali, em casa, sem a mãe, o pai, o irmão e até sem o avô. De noite, estiveram com ela o tempo todo, mas de dia, quando Ponciá percebeu, quando viu, tudo estava vazio. Não suportava viver a ausência deles, no jogo de esconde-aparece que eles estavam fazendo.” (EVARISTO, 2003, p. 58). A grande verdade é que, naquele momento, Ponciá percebe a importância de suas raízes familiares para sua identidade e para sua vida. Quando resolve sair andando pelo povoado, ela entende algo que até então não era possível compreender: “As crianças, os jovens, as mulheres, os homens, as velhas e os velhos, imagens de um passado que se presentificava aos olhos de Ponciá Vicêncio, à medida que a moça caminhava. Ela não tinha percebido que já vinha padecendo de uma saudade que era de muito e muito tempo” (idem, p. 59). No final daquela viagem, Ponciá percebera que um pedaço de si havia ficado naquela casa, outro pedaço estava com a mãe e o irmão (onde quer que eles estivessem) e só uma pequena parte continuava com ela; era por causa disso que ela sentia um vazio tão grande.

É correto afirmar que “A narrativa de Evaristo, portanto, nos coloca perante um movimento circular de várias dimensões, cujo objetivo é curar o trauma colonial e

os seus desvios existenciais por intermédio da afirmação criativa destes” (WALTER, 2009, p. 79-80). A narrativa de *Ponciá Vicêncio* faz emergir a necessidade dessa afirmação criativa através do talento de Ponciá para com a arte do barro. Aqui duas premissas são importantes: em primeiro lugar Ponciá aprende o ofício com a mãe, que a ensina a contar sua história, criar sua voz a partir do barro; em segundo o barro representa a relação genuína da personagem com a terra em que nasceu, afinal, só lá, perto do rio, era possível absorver o barro certo para fazer esculturas (na cidade grande não era possível encontrar aquele tipo de barro e, por essa razão, Ponciá afasta-se da atividade que dava a ela um lugar).

Com o passar do tempo, longe da família, de sua arte e de sua terra, Ponciá transforma-se totalmente: “No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu” (EVARISTO, 2003, p. 45). O companheiro de Ponciá percebe as mudanças no modo de ser e de agir da personagem e não entende o que aconteceu com ela:

Ele sentia saudades da outra Ponciá Vicêncio, aquela que ele conhecera um dia. E se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com a sua mulher. Ela que antes era feito formiga laboriosa resolvendo tudo. Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão, da limpeza, das trouxas de roupa nas casas das patroas. O que estava acontecendo com Ponciá Vicêncio? (idem, p. 55).

O fato é que a relação deles se deteriora principalmente à medida que a própria Ponciá sente deteriorar seu próprio ser³⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponciá Vicêncio entra na literatura brasileira com um discurso contundente, que se desdobra na reflexão sobre a realidade social a partir de um passado que não passou. Conceição Evaristo apresenta uma personagem que reconhece que sua posição na sociedade não condiz com a posição do branco:

³⁵ Conceição Evaristo não se baseia em estereótipos na criação de seus personagens. Por essa razão, mesmo relatando a relação violenta entre Ponciá e seu companheiro a narrativa não o demoniza, ela trata a questão de forma delicada, demonstrando que o marido de Ponciá também é uma peça na engrenagem do processo de marginalização de grande parte da população brasileira.

A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. (EVARISTO, idem, p. 82)

O romance evaristiano deixa claro que existe uma sobrevivência dos legados da colonização, pois “o colonialismo (...) não se extinguiu com a independência porque a colonialidade do poder e do saber mudou de mãos.” (MIGNOLO, 2003, p. 129). Mesmo com todos os percalços, o ponto alto da narrativa talvez seja o reconhecimento que se faz da necessidade da protagonista se (re)conectar às suas raízes, isso se dá não apenas com o reencontro com os seus familiares, mas também pela percepção que Ponciá precisa da arte do barro para tornar-se livre de fato, pois é através da arte que a personagem, herdeira de uma história sofrida, tem a chance de criar um outro destino. Já no final do romance, há um trecho que exemplifica bem a importância do trabalho com o barro para recontar a história daqueles silenciados pela opressão:

Desde pequena trabalhava tão bem com o barro, tinha as artes de modelar a terra bruta nas mãos (...). Eram trabalhos que contavam uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, que sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. (Evaristo, 2003, p. 126)

É, portanto, através de sua arte que Ponciá tem a oportunidade não apenas de afastar o perigo da loucura que aplacou o avô, com quem tanto parecia, mas, principalmente, deslocar a história de seu povo da subalternidade e exclusão e criar outro destino. O fim do romance transparece que “por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia” (idem, p. 128). É hora de Ponciá Vicêncio tomar para si as letras de seu povo e fazer das marcas de uma herança de sofrimento uma sabedoria capaz de (re)construir a história dos seus antepassados e dela mesma.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007, 117 pp.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural.** Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências.** Maringá: Eduem, 2007.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

_____. **Becos da Memória.** 2ª edição. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **Identidade Cultural e Diáspora.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, 1996, pp. 68-75.

HUA, Anh. *Diaspora and Cultural Memory.* IN: *Diaspora, Memory and Identity.* AGNEW, Vijay (org.). Toronto: University of Toronto Press, 2005.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória de identidade social: estudos históricos.** Rio de Janeiro: APDOC, vol. 5, n. 10, 1992.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François (et all). Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SODRE, Muniz. **Claros e Escuros: Identidade, Povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida (et all). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALTER, Roland. **Literatura, História e Memória no Contexto Pós-Colonial.** Recife: Revista Eutomia 3.1. 2010, 15 pp.

_____. **Afro-América: Diálogos literários na diáspora negra das Américas.** Org. Liv Sovik. Recife: Bagaço, 2009.